

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Ele não era cachorro não

Álvaro Jansen Viana da Silva
jansenviana@hotmail.com

Chamar alguém de “cachorro” é insulto e pode dar briga. É dizer que não presta, que é traidor, canalha, sem-vergonha. Um xingamento muito forte. Quem nunca chamou ou teve vontade de chamar alguém de “cachorro”? Pois é, melhor deixar pra lá. E o que dizer de “cachorrada”? Uma atrapalhada talvez criminosa, maligna ou improdutiva.

Mas será que “cachorro” e “cachorrada” são mesmo referências a coisas ruins?

Quando ouço alguém dizer “cachorrada”, lembro logo de uma amiga que vive cercada de quatro pinschers, cada um mais sapeca que o outro. — Ela tem quatro pinschers ou os quatro a têm? — Interessante que um deles é, digamos, um “transpitbull”. Ela garante que não morde, mas acho melhor ficar amigo dele. Para ela, cachorro é uma criatura fantástica, e “cachorrada” é alegria, é diversão, é casa cheia, é barulho bom.

E então me pergunto: por que “cachorro” e “cachorrada” viraram ofensas? Por que essas palavras adquiriram conotação

pejorativa? A língua tem dessas crueldades. A história explica, há várias versões, mas nenhuma delas justifica. Porque cachorro nunca foi “cachorro” no sentido depreciativo, e “cachorrada” é apenas coisa de cachorro mesmo. Cachorro é amigo, é companhia, é quem espera na porta, quem protege, quem brinca, quem faz travessuras, quem nos surpreende em amor.

Há quem insista em ver o animal pelo avesso da palavra, principalmente os que são livres, sem coleira. Há quem trate o cachorro como “cachorro”: desprezível, descartável, sem valor. E aí vem o desprezo, o chute, o abandono, a morte.

Dias atrás, algumas “pessoas” olharam para o cachorro Orelha e não viram nele o que ele era: amigo, vida, presença. Viram apenas um “cachorro”. E o mataram.

Pessoas não me parecem. Talvez sejam “pessoas” fazendo alguma “pessoada”. É isso que são. Apenas “pessoas”.

Que ecoe a canção. Nem Waldick Soriano, nem Orelha são “cachorros” para serem tão humilhados, desprezados e maltratados. Que os ouvidos escutem os gemidos do nosso Orelha e compreendam quem os ama.

Ribanceira

Melissa Vasconcelos Gomes
escritoramelissavasconcelos@gmail.com

Gertrudes acordava com os galos. Sua vida era um meio-fio para si mesma: a casa onde morava, cedida pelos senhores da fazenda, era de taipa. Ao abrir a porta, logo encontrava o rio. Todos os dias, o sol quente e imperdoável fazia de seu corpo o rio do seu coração, coagulando o cansaço. O que havia sob seus olhos não era rio. A água soltada pelas mãos, pelos pés e pela nuca formou um mar inteiro.

Val a olhava e dizia: coitada da Udinha! Pega capote, arranca, depe-na. Escalda, desossa, asseia. Corta, cozinha, tempera. Com a vassoura e o rodo, desliza pela casa inteira. Enche o grande pote de água da semana, para que não lhe falte água o mês inteiro. Lava o rosto, as orelhas, os pés, as mãos e os cabelos todo santo dia, me falando que nem todo santo é dia, mas todo dia é santo. Colocava e tirava a mesa, espanava os móveis e as gavetas.

O mormaço ia se pondo aos poucos,

seguindo o ritmo do sol. O bafo do calor diminuía um pouco na sua hora preferida do dia: sentava-se na beirada, com um balde de roupa suja, para lavar no chão de terra, na calçada da casa que não era sua. Engravidou de seu senhor! “Mas meu Deus do céu, Nosso Sinhô!”. No fim, nem chão, nem casa, nem água. Nem trabalho, nem comida, nem coisa ou pessoa alguma lhe pertencia, sequer a sua cria. Passados os nove meses, a casa foi perdida, e a filha roubada.

O mar voltou a ser rio, e o lugar de taipa virou estátua, congelando e re-tendo adentro a sanidade da mãe e da filha que ali foram forçadas. A água tem memória. Quem naquela água voltasse, conheceria o amor e esqueceria da dor. As marcas do tempo queimam dentro d’água. As árvores testemunham desalentos que nenhum doutô seria capaz de resolver. O acontecido conto de ninhar que consolava as crianças sem mãe. “Viu, Mariquinha? Mulher insana e exaurida perde sua menina; menina inocente e desprotegida perde sua mãe e sua casinha.”

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A busca pelo lucro

Thaís Pereira
Membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**

Nessa onda carnavalesca, que vai muito além da data do Carnaval em si, mas antecede com todo o pré-carnaval, Fortaleza foi agraciada com o show da banda BaianaSystem, que modéstia parte não deveria ser denominada uma banda, mas sim um movimento cultural, um belo movimento cultural! Em um dos trechos de uma de suas músicas “Lucro (Descomprimindo)”, é expresso “Tire as construções da minha praia, não consigo respirar”, esse trecho me fez refletir sobre o nosso belíssimo calçadão que temos titulado como Beira-Mar, se tentarmos admirar o pôr do sol na parte do Náutico, somos barrados pelos prédios altíssimos que nos impedem de contemplar tal feito da natureza.

O que me faz lembrar que no final do ano de 2025 a praia da Lagoinha, que fica localizada em Parai-paba - CE, estava com o cenário devastado, foi muito triste ver aquela praia destruída, grande parte pela ressaca do próprio mar. Era visivelmente notório o avanço das construções à beira-mar, que contribuem para a poluição visual daquela belíssima praia, e todos os outros impactos que não ficam “visíveis”.

Também, em 2025, tivemos o fato marcante de desmatamento de uma floresta próximo ao aeroporto de Fortaleza, que aconteceu de forma irregular. Irregularidades no processo de desmatamento, incluindo derrubadas de árvores em Área de Preservação Permanente.

Esses fatos retomam a música citada no início, no qual um trecho fala “Lucro, Máquina de Louco”, que nos mostra que estamos vivendo em um mundo que o capitalismo avança de forma desenfreada sem olhar os seus impactos.

Muito se fala de estarmos avançando, mas o que significa avanço com essa destruição desenfreada da natureza?!



se tentarmos admirar o pôr do sol na parte do Náutico, somos barrados pelos prédios altíssimos que nos impedem de contemplar tal feito da natureza.

CARLUS CAMPOS



Eu sei

Amauri Holanda de Souza
Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Eu sei quando o amor se assemelha à semente lançada em terra árida e, ainda assim, permanece à espera da chuva que talvez nunca venha.

Eu sei do abandono sem ruído, da afetividade apenas aparente e da porta mantida aberta para quem jamais des-sejou atravessá-la.

Eu sei da impermanência que se disfarça de eternidade, da vontade que já não se inquieta e da presença que insiste em existir sem jamais se aprofundar.

Eu sei quando o amor não se entrelaça por inteiro e o coração permanece à margem, como quem pressente um mistério silencioso, capaz de mudar tudo.

Eu sei que amar não deveria ser dor nem desencanto, mesmo nos intervalos entre encontros e despedidas, pois existir

— ainda assim — não deveria nascer de nenhum receio.

Eu sei também do silêncio que se aprende a escutar, daquele que não acusa nem exige, apenas revela o espaço vazio onde caberia uma morada. Sei da espera que não pede promessa, mas tempo, e da lucidez que ensina a seguir sem ruído, quando ficar já não é forma de cuidado.

Eu sei que há amor que não falha por absenteísmo, mas por medo; não se perde por distância, mas por contenção. E sei que reconhecer isso não salva, mas liberta, como quem aceita a travessia mesmo como tempestade, confiando que algum sentido ainda há de se anunciar.

Eu sei, por fim, que amar é oferecer presença sem garantias, é sustentar a atitude mesmo quando o retorno é incerto, e caminhar inteiro, ainda que o outro permaneça apenas como uma possibilidade. Ainda assim.

A ficha não caiu

Jacqueline Marques Melo Cartaxo
Jornalista

Já dizia Manoel de Barros: “A palavra amor anda vazia. Não tem gente dentro dele”.

Assim, também anda vazio de uma palavra de amor, um recado, uma notícia, os telefones públicos que ornamentavam nossas calçadas e praças nos anos 1970.

O formato de um orelhão facilitava a acústica e era difícil ouvir as conversas, principalmente dos enamorados em suas conquistas.

Nessas horas, a preocupação era “da ficha cair” antes da conclusão das declarações de amor.

2026 inicia com a notícia da recolhida dos nossos amáveis orelhões pela cidade.

Isso já me deixa saudosa e vem uma história para ilustrar nosso personagem: o orelhão.

Na praia de Iracema, pertinho do Cais Bar, o orelhão fazia parte dos encontros apaixonantes, com gostinho de “pedacinho do céu”. O Mirante espiava o cenário no embalo das ondas e dos ventos por ali.

No Centro da cidade concentrava o maior número desse aparelho, e, era possível encontrar alguns adaptados para pessoas com algumas dificuldades de acessibilidade.

Aqui, pertinho de casa, tinha vários. O da calçada da igreja era o mais cortejado e também tinha uma banca de revista que vendia as memoráveis fichas.

Meu avô Wenceslau sempre tinha moedas para as fichas e, também, para os bombons azedinhos.

Não me lembro de ter usado uma ficha para ter contado alguma notícia ruim. Só lembranças adocicadas.

A gente nem cansava de ficar em pé ouvindo e contando as novidades de quem tínhamos admiração e amor.

Mas vamos voltar às histórias...em férias no Morro Branco, por sorte, tinha um orelhão na praça, na verdade, era uma estação telefônica onde os jovens se reuniam para uma ligação com os paqueras da época.

E lá estava eu... claro.

E acontecia também de um interesse espontâneo por alguém na fila. Parte boa essa também.

Aí, “a ficha não caía” para quem estava esperando a ligação em casa.

E por falar em ficha...a minha ainda não caiu.

É que, continua aqui na memória, meu bolso cheio de fichas, esperando a pessoa terminar a ligação com aquela frase: “Amanhã, a gente se fala. Um beijo”.



FUNDAÇÃO
DEMÓCRITO
ROCHA